



## FRESTA & ANZOL: XADREZ, OU A POÉTICA DE ANA ELISA RIBEIRO

Rafael Fava BELÚZIO<sup>1</sup>

Recebido: 27/11/2015  
Aprovado: 29/03/2016

### RESUMO

Entre a resenha e o ensaio, nesse texto breve, como um xeque-pastor, pretendo analisar o livro *Xadrez* (2015), da poeta contemporânea Ana Elisa Ribeiro. Para tanto, avaliarei os últimos livros da autora – *Fresta por onde olhar* (2008) e *Anzol de pescar infernos* (2013) –, bem como duas influências por ela sofridas: Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski. Com esse recorte, levo em conta, sobretudo, aspectos formais da escrita de Ana Elisa Ribeiro, talvez em uma tentativa de encontrar a *poética* da autora, que ainda vive o *work in progress*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ana Elisa Ribeiro. *Xadrez*. Poética.

### ABSTRACT

Among the review and the essay, in this short text, like a check-pastor, I intend to analyze the book *Xadrez* (2015), of the contemporary poet Ana Elisa Ribeiro. Therefore, I will evaluate the latests books of the author – *Fresta por onde olhar* (2008) and *Anzol de pescar infernos* (2013) – as well as two influences suffered: Ana Cristina Cesar and Paul Leminski. With this cut, I take into account, specially, formal aspects of writing of Ana Elisa Ribeiro, perhaps in an attempt to find the *poetry* of the author, who still lives the work in progress.

Keywords: Ana Elisa Ribeiro. *Xadrez*. Poetry.

### e4 e5

Nas mãos (que iam ser de sacerdote) de Leminski, a poesia encenou a dialética do capricho com o relaxo, do formalmente mais elaborado com o feito rasteiro e rapidamente. Movimentada pelas luvas de pelica de Ana Cristina, a poesia jogou entre o sutiã e a rua, jornal íntimo. Em seu mais recente livro de poemas, *Xadrez* (2015), Ana E. se mostra herdeira das poéticas de Ana C. e Leminski, na medida em que movimenta as peças de seu tabuleiro desenvolvendo a sua própria concepção literária. Por minha vez, em meu texto breve, elaborado entre a resenha do último livro de Ana Elisa Ribeiro e o ensaio sobre a poética da autora, pretendo seguir marcas das influências sofridas pela poeta, bem como sugerir o que poderia ser a estrutura fundamental<sup>2</sup> da lírica de Ana E.

### Dh5 Cc6

Essas heranças não se limitam à última obra. Na verdade, *Xadrez* é o quinto livro de poemas publicado por Ana Elisa Ribeiro. Em 1997, saiu *Poesinha*; em 2002, *Perversa*. Em 2008, foi a vez de *Fresta por onde olhar*. Esse nome, por sinal, lembra um comentário feito na ocasião do lançamento de *A teus pés* (1982), de Ana Cristina Cesar. Reinaldo Moraes, em uma resenha para a

<sup>1</sup> Licenciado em Letras/UFV. Mestre e doutorando em Estudos Literários/UFMG.

<sup>2</sup> O que estou chamando de estrutura fundamental se aproxima do conceito de redução estrutural, de Antonio Candido (1993), mas, neste meu ensaio, estou privilegiando aspectos da forma literária, em detrimento da forma social, apenas como recorte metodológico.

BELÚZIO, Rafael Fava. Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



Folha de São Paulo, havia chamado de “frestas da intimidade” (MORAES, 2013, p. 448) os poemas (por vezes em prosa) de Ana C. Cesar. A autora das *Correspondências completas* era aberta às misturas de ficção e confissão. Encenava, nos versos ao público, o privado<sup>3</sup>. Talvez em uma tentativa de tornar menos coibida a mulher e menos seca a poesia tão marcada pela lógica cabralina do menos, afinal, não raro a poesia brasileira se empenha em tarefas, simultaneamente, sociais e estéticas<sup>4</sup>.

As duas Anas, C. e E., partilham, em certa medida, essa poética feminina limiar, confissão ficcionalizada, gesto estético e político. Na *Fresta por onde olhar*, o leitor observa, logo no poema de abertura, o feminismo capaz de dar uma surra em Péricles (“antiguidade d’onde viemos”). No poema seguinte, Ana E. prossegue, em tom feminino, enfocando a construção do sujeito-lírico a partir de limiares, ao dizer

Sou filha de  
um tórrido cruzamento  
entre uma bela bromélia  
e um boêmio hibisco. (RIBEIRO, 2008, p. 12)

Mais adiante, surge no livro uma sequência de poemas utilizando a ideia do fingimento: “peças em pau-marfim” (RIBEIRO, 2008, p. 44), “visitante” (RIBEIRO, 2008, p. 46) e “salvando o relacionamento” (RIBEIRO, 2008, p. 47). O terceiro, mais ácido, aborda, sobretudo, a questão amorosa.

eu sei, meu bem,  
que seu sonho é comer  
uma sueca alta loura boa  
  
finge, meu amor,  
fecha o olho e finge  
  
o meu cabelo  
a gente tinge. (RIBEIRO, 2008, p. 47)

O segundo, também ligado às encenações amorosas, aproxima dessa questão um tom metapoético. O eu-lírico convida o leitor/amado para a sua cidade de papel

bem-vindo à minha cidade.  
estou toda às ordens,  
fique à vontade.  
  
Mas finja, por favor,  
enquanto estiver aqui,  
que este amor  
é de verdade. (RIBEIRO, 2008, p. 46)

<sup>3</sup> Sobre essa poética de Ana Cristina Cesar, vale a pena conferir os estudos presentes na reunião da obra da autora. Cf. ABREU (2013), ALVIM (2013), BOSI (2013), FREITAS FILHO (2013), HOLLANDA (2013), MORAES (2013), SANTIAGO (2013).

<sup>4</sup> Cf. Silvano Santiago, 2004.

BELÚZIO, Rafael Fava. Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



Já no “peças em pau-marfim”, a sobreposição da questão amorosa com a metalinguagem reaparece, sem perder de vista ainda o problema, tão caro à poética de Ana Cristina Cesar, da construção do sujeito-lírico. Além disso, nesse momento já estava na obra de Ana Elisa Ribeiro a relação com o jogo de xadrez:

O corpo inteiro  
é um tabuleiro  
de jogar jogos de azar

As costas quadriculadas  
As coxas quadriculadas  
A boca quadriculada

Onde eu me finjo  
de dama (RIBEIRO, 2008, p. 44)

Esse sujeito-lírico encenado, se fingindo de dama sobre o tabuleiro do texto, demonstra uma continuidade entre os projetos de Ana C. e Ana E., pois ambos apresentam a ideia de confissão ficcionalizada. Aparentar a revelação do íntimo na hora de inventar o texto. Tensionamento de privado e público.

Levando em conta outros tensionamentos da poética de Ana Elisa Ribeiro estão algumas considerações feitas por Fabrício Marques<sup>5</sup> no texto de apresentação de *Fresta por onde olhar*. De acordo com o crítico,

A respeito das “obsessões” de Ana Elisa – as relações amorosas, a própria poesia, um eu lírico tentando definir-se –, pode-se dizer que a poeta as desenha com muita ironia e humor, ora inclinando-se para o erotismo, ora para o lirismo, ora para uma coloquialidade sem-vergonha, ora para tudo isso ao mesmo tempo. Depois, a poesia de Ana Elisa precisa ser compreendida na oscilação entre o texto verbal e a oralidade, entre a poesia tipográfica e a performance oralizada do poema (MARQUES, 2008, p. 8).

Relações amorosas, metapoesia e construção do sujeito-lírico são, portanto, linhas comuns no alinhar dos poemas de Ana Elisa e Ana Cristina. Contudo um ponto mais particular na escrita da poetisa mineira está na sua “performance oralizada”. Na segunda orelha da *Fresta*, aparece uma minibiografia da escritora, importante paratexto, capaz de ajudar a compreender essa dimensão ressaltada por Fabrício Marques. O último parágrafo da minibiografia afirma que Ana Elisa Ribeiro “Passou os últimos cinco anos trabalhando, estudando e lendo poemas em público (nas Terças Poéticas, no Salão do Livro, no Fórum das Letras, no Festival de Inverno de Ouro Preto, entre outras festas)”.

Por essas participações em f(r)estas literárias, algo tão presente, hoje, na cena brasileira, Ana E. faz poema para ser declamado em público. Como sugeriu Fabrício Marques, “Experimentem ouvir, na voz [da escritora], poemas como ‘antiguidade d’onde viemos’ ou ‘salvando o relacionamento’” (MARQUES, 2008, p. 8). Mais do que analisar a teatralização do poema, ou sugerir que Ana Elisa grave um CD declamando seus versos, convém ressaltar que essa poeta-

---

<sup>5</sup> Não por acaso, Fabrício Marques possui como trabalho de mestrado *Aço em flor*, um estudo sobre a poética de Paulo Leminski. Assim, as afinidades eletivas – de Ana Elisa Ribeiro e Fabrício Marques – se mostram, portanto, relativamente próximas.

BELÚZIO, Rafael Fava. *Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro*. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



*performer* em alguma medida internalizou, no momento da escrita, o gesto que seria posterior a ela. A escritora elabora, conscientemente, versos pensando não apenas no público leitor, mas no público ouvinte dos festivais de literatura. Mais uma vez nisso está uma modalidade do tensionamento entre o público e o privado, algo presente na lírica de Ana Cristina Cesar, mas aqui propondo outras soluções.

#### **Bc4 Cf6**

O livro seguinte, *Anzol de pescar infernos* (2013), continua nessa tônica. Inclusive chega a parecer mais influenciado por Ana Cristina Cesar. Os versos ficam mais melancólicos. Ana Elisa, de carne e osso, passava pelo fim de um relacionamento, enquanto os poemas tematizam o luto, o lamento e uma possível reabertura para outro futuro enlace. Além disso, o poema em prosa, muito trabalhado por Ana C., é uma forma pescada pelo *Anzol* de Ana E.

##### **A tree II**

Suas raízes expostas me machucaram uns sapatos novos. Chorei uns fins de namoro recostada em seu tronco, junto com os sacos de lixo. (RIBEIRO, 2013, p. 29).

O ritmo dos textos agora é menos ágil do que era na *Fresta*, os versos soam menos performáticos, menos declamáveis ou decoráveis. Por outra via, os vazios sentimentais de Ana Elisa também cresceram, a utilização o espaço em branco da página ganhou força, como se nota em

##### **Escrevo pouco texto**

em muito branco.

Sou poeta,

só pego no tranco. (RIBEIRO, 2013, p. 22).

Mais ou menos centralizado na página, esses poema curto explora os aspectos visuais, como também se nota no primeiro verso negritado, explorando a possibilidade de ele ser ainda o título do texto. No índice do livro, acrescento, essa linha “**Escrevo pouco texto**” aparece com a possibilidade de ser lida como verso de outro poema, como se o sumário, no qual são ausentes as numerações das páginas, constituísse poema independente.

Mas os jogos visuais e arquiteturas do poema acima contam ainda com interessantes aspectos sonoros. O texto é uma quadra, tipo de construção bastante popular em língua portuguesa. Muito elaborado ao longo da Idade Média lusitana, bem como formador de grande parte do cancionero popular brasileiro. Todavia, a disposição métrica dos versos difere da regular, corriqueira no Trovadorismo, quando as redondilhas predominavam. Ana Elisa explora versos curtos (seis, quatro, três e cinco sílabas métricas, respectivamente), chegando mesmo a colocar uma redondilha menor na chave-de-ouro; mas elabora enjambements para o decassílabo heroico (que seria formado se os dois primeiros versos fossem um só) e o eneassílabo de três trímetros anapésticos (que corresponderia à unificação dos dois últimos versos). Assim o verso épico de dez sílabas e o verso militar de nove sílabas aparecem reconfigurados.

Evidentemente, corro o risco de superinterpretação ao analisar a tessitura rítmica de Ana Elisa Ribeiro. Digo isso pensando em uma resenha que a autora fez sobre o livro *Formas do nada*, de Paulo Henriques Britto – poeta brasileiro contemporâneo e extremamente virtuoso na construção rítmica de poemas. Em um livreto organizado, em 2014, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), instituição onde trabalha a professora e pesquisadora Ana Elisa Ribeiro, a resenhista afirmou que

BELÚZIO, Rafael Fava. *Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro*. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



Acostumada, então, a ler uma poesia herdeira dos ‘poetas marginais’ dos anos 1970 ou a mergulhar nos voos livres de Drummond, Mário ou Oswald, um tanto neles, encontrei, nas *Formas do nada*, uma poesia construída sob plano, maquete, prisma e até, em alguma medida, esquadro. (...) Eu cá escreveria, um dia, um livro chamado *Nada de formas*, já que não saberia, nem que quisesse, escolher o soneto e mesmo a métrica engenhosa para dizer o não e o quase, como faz Britto. (RIBEIRO, 2014, p. 36).

Muito rica a resenha, talvez mais ainda para problematizar a produção de Ana Elisa Ribeiro do que a de Paulo Henriques Britto. A autora revela a sua tradição de leitura e o seu modo de ler essa mesma tradição: modernistas e marginais aproximados da ideia de “voos livres”, distantes da “métrica engenhosa”. É claro que esse modo de observar a tradição deixa de fora, por exemplo, o Drummond sonetista. De toda maneira, a escritora prefere o “*Nada de formas*”, embora a leitura feita mais acima do “**Escrevo pouco texto**” talvez ajude a colocar em xeque essa postura assumida na resenha, ou em relegar para o polo da superinterpretação um parágrafo feito mais acima.

Entre o extremo do capricho de *Formas do nada* e o extremo do relaxo de *Nada de formas*, Ana Elisa, em *Anzol de pescar infernos*, apresenta uma lírica que se posiciona em algum lugar entre os polos. Isso faz lembrar, certamente, Paulo Leminski – também memorável pelo uso do espaço embranco da página, como visto no “**Escrevo pouco texto**”, de Ana Elisa Ribeiro – de *Caprichos & relaxos*. O cosmopolita curitibano procurou elaborar uma poética que fosse formada pela tensão da construção sofisticada com o gracejo “espontâneo”<sup>6</sup>. É mais ou menos dessa maneira que a própria autora reflete sobre a construção de seus poemas no texto de “Apresentação” do *Anzol*:

Levo 5 anos para publicar um livro de poemas. Entre um e outro, os poemas vão pingando, no ritmo dos acontecimentos rotineiros. Não há grandes épicos, nem lutas sagazes; há dias simples de poesia quase escondida entre um café e outro, um afazer e outro, um amor malfadado e outro, coisa fácil. Bom, mas eu levo 5 anos juntando esses cacos, estilhaços e peças de quebra-cabeça. Um dia eles viram livro, é o que quase todo escritor almeja. (RIBEIRO, 2013, p. 11).

Entre a espontaneidade do poema nascido entre um café e outro, e a arquitetura de cacos programada durante cinco anos, a lírica de Ana Elisa Ribeiro reelabora a proposta relaxada caprichosa de Paulo Leminski. No entanto, enquanto a síntese lemiskiana por vezes oscila entre o capricho e o relaxo, bem como reúne sinteticamente os dois, Ana Elisa Ribeiro parece buscar um lugar confortável entre os polos. Mais adiante, no mesmo prefácio, a escritora continua

A edição do livro é o tempo mais gostoso eu acho. Escolher, expulsar, ordenar. Continuo com meu modo de organização: imprimo um texto em cada página, sem numeração, e vou criando embaralhamentos que deem prazer. Um dia, chego a uma ordem que considero boa para os poemas... cronológica? Narrativa? Alfabética? Qualquer dessas e nenhuma. E já não me preocupo mais em colocar poemas ótimos, avaliados por Fulano e Cicrano. Eu me preocupo em colocar poemas possíveis, dos quais eu ao menos não me envergonhe (...). (RIBEIRO, 2013, p. 12).

---

<sup>6</sup> Sobre a poética de Paulo Leminski, MARQUES (2001), CAMPOS (2013), RUIZ (2013), VELOSO (2013), WISNIK (2013).

BELÚZIO, Rafael Fava. Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



Nesses “poemas possíveis” está o meio caminho entre os ótimos e os vergonhosos. Certamente, os considerados ótimos pela escritora vão para os livros, e os ruins são deixados de lado, ou retrabalhos, talvez. Mas editar os “poemas possíveis” faz parte da intenção da autora. Os textos modestos não são descartados. Nesse momento pós-utópico, em que as pessoas procuram micropolíticas, pequenos vaga-lumes<sup>7</sup>, a poesia de Ana Elisa parece se querer menor. “Não há grandes épicos”. Ela revela isso não apenas no texto de abertura do livro, mas também no poema a seguir.

**Meu repertório é modesto.**

Não tenho tanto jazz nem tanta bossa.

E nem me importa.

A música só aumenta a minha fossa. (RIBEIRO, 2013, p. 47)

Essa escolha pelo modesto também remete a certo Paulo Leminski, que havia dito

um dia  
a gente ia ser homero  
a obra nada menos que uma íliada

depois  
a barra pesando  
dava pra ser aí um rimbaud  
um ungaretti um fernando pessoa qualquer  
um lorca um éluard um ginsberg

por fim  
acabamos o pequeno poeta de província  
que sempre fomos  
por trás de tantas máscaras  
que o tempo tratou como as flores (LEMINSKI, 2013, p. 71)

Enquanto Ana Elisa não possui nem jazz, nem bossa, Leminski se vê, progressivamente, menor, decai de “homero” a “pequeno poeta de província”.

**Dxf7 # – Xequê-pastor**

“A memória dos lances antigos é essencial a toda partida de xadrez”, diz a epígrafe do *Xadrez* (2015) de Ana Elisa Ribeiro, retomando uma fala de Michel de Certeau. Os lances antigos, nesse meu breve texto que oscila entre o ensaio e a resenha, passam pela formação marginal da escritora, especialmente considerando Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski, bem como os dois livros de poesia anteriores elaborados pela autora mineira. Nesse sentido, o posicionamento, bastante marginal, de Ana Elisa Ribeiro, visto no poema “**Meu repertório é modesto**”, prossegue no livro *Xadrez*.

Perceptível a modéstia vista em relação às referências levantadas. Não obstante apareçam alusões à Penélope, saltam aos olhos referências a, por exemplo, o livro pop *Cinquenta tons de cinza*, no título do poema “50 tons e meio”. A referência, por assim, dizer, menos erudita, distante

<sup>7</sup> Cf. *Sobrevivência dos vaga-lumes*, de Georges Didi-Huberman.

BELÚZIO, Rafael Fava. Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



da melhor literatura contemporânea, expressa a marginalidade escolhida pelo sujeito-lírico. Nesse mesmo sentido de minoridade marginal caminha o texto a seguir. Sensivelmente metapoético, ajuda a compreender essa postura mais leve em relação ao repertório do sujeito-lírico.

Poesia  
não dá  
em cacho  
nem brota  
pula ou  
espouca.  
poesia  
não atende  
pelo nome.  
poesia  
não pinta  
nem pausa.  
poesia  
não quica  
na área.  
poesia  
não cresce  
na rega.  
poesia  
não  
é parida.  
poesia  
é coisa  
distraída. (RIBEIRO, 2015, p. 62).

A compreensão da poesia como algo distraído remete ao prefácio do livro anterior, *Anzol de pescar infernos*, quando Ana Elisa havia dito sobre os versos surgirem entre um café e outro. Ou ainda faz lembrar o título de um livro de Paulo Leminski, *Distraídos venceremos*, lançado pelo curitibano em 1987. Pensando na dialética do autor, distraídos estaria mais próximo da proposição do relaxo, ao passo que a vitória seria resultado do capricho. Ana Elisa, procurando uma poesia que “é coisa/ distraída”, remete àquela tentativa da poesia possível, ainda que não seja grande, ainda que a obra não vá tentar ser “nada menos que uma ilíada”, a procura de uma poesia que não envergonhe. Embora distraída, os versos não são algo que apareçam aos montes (“poesia/ não dá/ em cacho”). Está mais para o não fosse isso e era menos.

Na distração do cotidiano, os poemas de *Xadrez*, principalmente os da primeira parte do livro, intitulada “Peças”, estão ligados às idas e vindas amorosas, aos amores possíveis, como são os poemas. Mais leve do que a melancolia do *Anzol de pescar infernos*, as encenações amorosas presentes nos textos parecem indicar que a autora/eu-lírico – de maneira um tanto autoficcional<sup>8</sup> – teria encontrado um amor mais durável. É claro que, em meio a essa durabilidade possível, o eu-lírico da autora demonstra ter percebido, no poema “Patchwork”,

Mas esse entra e sai  
pouco solene

<sup>8</sup> Sobre autoficção, cf. FIGUEIREDO, 2010.

BELÚZIO, Rafael Fava. Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



– apagacente a pira –  
me transforma  
em um instante  
amazona  
de péssima  
mira. (RIBEIRO, 2015, p. 33)

Entre os afetos mais duradouros encontrados, há sempre muita ida e vinda. De todo modo, os amores possíveis, modestos, acontecem nos espaços domésticos, são vistos quando o amado, “Ao sorrir”, consegue deixar o coração do sujeito-lírico “completamente/ amparado/ e febril” (RIBEIRO, 2015, p. 17). Essa subjetividade feminina e singela aparece também nos fetiches módicos

Meu fetiche é ver o homem  
trazendo os dois livros  
– a de sua autoria –  
embaixo do braço,  
nu em pelo,  
e dizer:  
“Deita aqui  
que vou lê-lo”. (RIBEIRO, 2015, p. 18),

no gesto político-estético de contestação, presente em “O príncipe e a megera”

Um príncipe  
com casa, carro, filho & pensão  
relógio de pulso  
perfume importado

quarentão  
bem-arranjado  
até grisalho

fosse eu  
e tudo isso  
seria  
defeito (RIBEIRO, 2015, p. 34)

e nas flores miúdas

Eu achava tão significativo  
que aquela roseira de flores miúdas  
só vingasse  
sob os cuidados dele. (RIBEIRO, 2015, p. 22),

Mesmo quando o amor é “O maior de todos”, a autora dedica a ele a singeleza de um “livro”.

Era um amor imenso,  
(...)

BELÚZIO, Rafael Fava. Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069





Era tão – mas tão – grande  
que ela, a poetisa,  
resolveu dedicar a ele  
um *livro* inteiro. (RIBEIRO, 2015, p. 13)

Não efetua grandes viagens épicas, como fizera Ulisses. Prefere se concentrar no detalhe da letra, nos pormenores do amado.

Pareceu-me importante  
conhecer-lhe a letra  
mais do que a própria mãe;  
mais do que o tino, os dentes,  
os hábitos, a palma da mão;

pareceu-me fundamental  
conhecer-lhe a curva do ‘a’  
e a barriga do ‘g’,  
antes mesmo do pau  
e de algum outro pormenor. (RIBEIRO, 2015, p. 14).

Dessa maneira, a poética do pormenor, de Ana Elisa Ribeiro, ecoa muito de Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski. Procura criar jornais íntimos repletos de relaxos, pequenos gozos possíveis. Embaralha o vivido e o inventado, a intimidade e a literatura, na construção de uma lírica que vence distraída. Ais ou menos encenados com peças de xadrez, movidas com luvas de pelica. Não fosse fresta e era menos, não fossem cenas abertas da intimidade e eram quase. Alguns clics domésticos. Uma poesia menor, que se quer menor.

### Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. “a teus pés”. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 446.

ALVIM, Clara de Andrade. “os dias ficam”. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 470-476.

BOSI, Viviana. “posfácio”. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 425-431.

BRITTO, Paulo Henriques. *Formas do nada*. São Paulo: Companhia as Letras, 2012.

CAMPOS, Haroldo de. “paulo leminski”. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 384-385.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.

CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BELÚZIO, Rafael Fava. Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução: Vera Casa-Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. “Autoficção feminina: a mulher diante do espelho”. São Paulo: Revista Criação & Crítica, USP, abr/2010. n. 4. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/viewFile/46790/50551>. Acesso: 15/06/2015.

FREITAS FILHO, Armando. “apresentação”. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 7-13.

FRIAS, Joana Matos. “um verso que tivesse um blue”. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 480-490.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “ana cristina César: cristais, heavy metal e tafetá”. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 450-451.

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARQUES, Fabrício. “alada e leve”. In: RIBEIRO, Ana Elisa. *Fresta por onde olhar*. Belo Horizonte: Editorial Interditado, 2008. p. 7-9.

\_\_\_\_\_. *Aço em Flor: a poesia de Paulo Leminski*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAES, Reinaldo. “deslumbramentos com a poesia de ana cristina”. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 447-449.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Poesinha*. Belo Horizonte: Coleção Poesia Orbital, 1997.

\_\_\_\_\_. *Perversa*. São Paulo: Ciência do Acidente, 2002.

\_\_\_\_\_. *Fresta por onde olhar*. Belo Horizonte: Editorial Interditado, 2008.

\_\_\_\_\_. *Anzol de pescar infernos*. São Paulo: Patuá, 2013.

\_\_\_\_\_. “Nada em boa forma”. In: RIBEIRO, Ana Elisa (org.). *18 livros vivos*. Belo Horizonte: CefetMG, 2014.

\_\_\_\_\_. *Xadrez*. Belo Horizonte: Scriptum, 2015.

RUIZ, Alice. “Apresentação”. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 7-11.

SANTIAGO, Silviano. “Uma literatura anfíbia”. In: \_\_\_\_\_. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 64-73.

\_\_\_\_\_. “singular e anônimo”. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 452-463.

BELÚZIO, Rafael Fava. *Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro*. Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



VELOSO, Caetano. “caprichos & relaxos”. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 396.

WISNIK, José Miguel. “Notas sobre Leminski cancionista”. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 385-392.

Palas Breves

BELÚZIO, Rafael Fava. Fresta & anzol: xadrez, ou a poética de Ana Elisa Ribeiro. Revista eletrônica *Palas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069